



No lugar dos carros, uma multidão toma a Avenida Silvío Vianna, na Ponta Verde, aos domingos

IGUALDADE. Locais viram ponto de encontro de várias "tribos"

“INICIATIVA PROMOVE urbanidade e civilidade”

Arquiteta destaca que espaços podem ser frequentados gratuitamente e sem discriminação

WAGNER MELO
REPÓRTER

Há pouco mais de seis meses, a arquiteta e urbanista Regina Lins trocou o bairro de Ipioca pela Jatiúca. Recentemente, a professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) resolveu passar pelo tão falado espaço de lazer na “rua fechada”. Ficou maravilhada, principalmente, com o fato de aquela área pro-

porcionar acesso, indiscriminadamente, às pessoas. “É isento de pagamento e de preconceito. A única condição para frequentá-lo é querer e ter o tempo livre para a diversão, diferentemente de outros lugares em que é preciso pagar e estar bem vestido para entrar. Trata-se de uma iniciativa que promove a urbanidade e a civilidade”, observa a estudiosa do espaço urbano. Segundo Regina Lins, o

I
Interação

Crianças e adultos de todas as idades se encontram nos espaços e fazem novas amizades

DESAFIO

Como exemplo, a professora diz que o marido, o programador Christopher Scott, resolveu voltar a andar de patins. Sexagenário, ele fez amizade com um casal de adolescentes que tinha vindo do Tabuleiro do Martins e divide com ele o gosto pela pati-

nação. “Eles também ficaram fascinados com o fato de meu marido ser estrangeiro e aproveitaram para testar os conhecimentos em Língua Inglesa”, conta.

Ela diz, ainda, que ao impedir a passagem de veículos, que nos dias de semana desenvolvem alta velocidade no asfalto liso e pista larga num de seus trechos, o projeto transforma aquela parte da orla em um parque, onde famílias inteiras chegam a instalar mesas e cadeiras para fazer refeições e aproveitar o dia.

TRADIÇÃO

Curtir o domingo e se divertir com a família é

uma das atividades preferidas da fisioterapeuta Maria Renata, de 27 anos. Ela tem um bebê, que leva para passear na praia, com toda a segurança da área fechada, onde também anda de patins. “Esse projeto é muito importante. Pessoas que vêm de fora ficam maravilhadas”, afirma.

“Naquela área a gente vê pessoas passeando, fazendo piquenique. Todos se divertem sem ter um custo alto, isso é um ponto positivo”, destaca Renata.

Empolgada com o que viu na orla marítima, a arquiteta Regina Lins torce para que outros bairros da capital venham a ser beneficiados.



REGINA LINS
ARQUITETA E URBANISTA

“É isento de pagamento e de preconceito. A única condição para frequentá-lo é querer e ter o tempo livre para a diversão”